

CATALOGAÇÃO NA FONTE

BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE DE FRANCA

Ferreira, Fernando Aparecido

Textos: Processos, práticas e abordagens teóricas. Camila de Araujo Beraldo Ludovice, Juscelino Pernambuco, organizadores. Franca, SP: Universidade de Franca, 2016.

278p. (Coleção Mestrado em Linguística, 11)

ISBN - 978-85-60114-64-1

1. LINGUÍSTICA - ESTUDO E ENSINO. 2. LINGUÍSTICA - PRODUÇÃO ACADÊMICA.

I. LUDOVICE, CAMILA DE ARAUJO BERHALDO. II. PERNAMBUCO, JUSCELINO. III. UNIVERSIDADE DE FRANCA

CDU - 801(07)

F441t

EXPEDIENTE



<b>REITORIA</b>	PROFA. DRA. ESTER REGINA VITALE
<b>PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO</b>	PROF. ME. ARNALDO NICOLELLA FILHO
<b>PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO</b>	PROFA. DRA. KÁTIA JORGE CIUFFI
<b>PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO</b>	PROFA. MA. ELIZABETE FERRO SOUSA TOUSO

---

## NÚCLEO DE PROJETOS E PESQUISA EM DESIGN

<b>COORDENAÇÃO</b>	PROFA. MA. ANA MÁRCIA ZAGO
<b>ORIENTAÇÃO</b>	PROFA. ESP. RODRIGO A. DE SOUZA
<b>EXECUÇÃO</b>	CÍNTIA CORSI LOURENÇO
<b>PROJETO GRÁFICO</b>	SÉRGIO RIBEIRO

COPYRIGHT © COLEÇÃO Mestrado em Linguística

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

A RETÓRICA, A LINGUÍSTICA E OS MECANISMOS DE  
SUBVERSÃO DA LINGUAGEM: A IRONIA COMO EXEMPLO

---

*Maria Flávia Figueiredo (Unifran)*

*A ironia, além disso, é  
arma de polêmica, e não  
edificação e construção  
dogmática.*

Aubé

A retórica, ao lado da dialética e da gramática, compunha, na Antiguidade e na Idade Média, o campo dos estudos da linguagem, das artes liberais. Nesse universo, a retórica dispunha-se a estudar os meios de persuasão criados pelo discurso e analisar os efeitos por eles produzidos nos ouvintes. Assim, era definida como a arte do bem falar (*ars bene dicendi*). Porém, de acordo com Quintiliano, em sua *Instituição Oratória*, a opinião mais difundida acerca da definição de retórica consistia em defini-la como o poder de persuadir (*vis persuadendi*).

Durante o século XIX e a primeira metade do século XX, no entanto, assistimos a um suposto declínio da retórica. Dizemos “suposto”, pois essa ideia não é compartilhada por todos os estudiosos da história da retórica. Laurent Pernot (2016), em *La retórica en Grecia y Roma*, por exemplo, defende que, ao longo de sua história, a retórica sofreu coerções dos contextos históricos e consequentes adaptações a eles. Nessa visão, a retórica e seu uso, sua práxis, foram sendo alterados através dos séculos. Portanto, não necessariamente passou por

um período de “declínio”, tal como tão amplamente difundido. Nas palavras do próprio autor: “não se deve falar nem de decadência, nem de renascimento, mas de reorganização.”<sup>1</sup> (PERNOT, 2016, p. 160-161, tradução nossa).

Paralelamente a essa fase, digamos, mais latente dos estudos retóricos, assistimos ao estabelecimento da Linguística como ciência. Assim, no início do século XX, por intermédio da publicação do *Curso de linguística geral*<sup>2</sup>, que expunha as proposições metodológicas de Ferdinand de Saussure, os estudos da linguagem passaram a contar com uma delimitação e uma caracterização de seu objeto de estudo, o que viabilizou a sua investigação, e a linguística passou não apenas a integrar o rol das ciências, mas ganhou o *status* de ciência piloto no campo das humanidades.

Devido à relevância teórico-metodológica de suas proposições, Saussure passou a ser considerado o pai da Linguística moderna. Ficou conhecido como o linguista e filósofo suíço cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da linguística como ciência e desencadearam o surgimento do estruturalismo. Suas contribuições para os estudos da linguagem foram de expressiva relevância e considera-se que o pensamento saussuriano estimulou muitos dos questionamentos que comparecem na linguística do século XX e também na linguística do século XXI.

A simultaneidade entre a latência dos estudos retóricos e o estabelecimento da linguística como ciência não se deu de

---

1 “[...] no se debe hablar ni de decadencia ni de renacimiento, sino de reorganización.” (PERNOT, 2016, p. 160-161)

2 Publicado postumamente em 1916, essa obra foi organizada pelos seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye e contou com a colaboração de Albert Riedlinger.

forma aleatória se considerarmos, na esteira de Fiorin (2014) e de Bender e Wellberry (1990), o fato de que o “declínio” da retórica é tributário da definição de um ideal de objetividade, transparência e neutralidade do discurso científico, em que impera a concepção de que a linguagem representa a realidade. Por outro lado, a linguística se pauta no princípio da antifonia, por meio do qual o discurso é o responsável pela maneira com que concebemos a realidade. Esse princípio da consonância de vozes estabelece que cada discurso corresponde a outro discurso, produzido por outro ponto de vista.

Portanto, em termos cronológicos, vimos que, no início do século XX, com a publicação do *Curso de linguística geral*, a linguística moderna se estabeleceu e ganhou seu objeto de estudo. Contudo, em meados do século XX, assistimos a uma nítida revitalização da retórica, o que pode ser comprovado com a publicação de importantes obras. Surgiu em 1958, na Bélgica, o *Tratado da argumentação: a nova retórica*, publicado pelos filósofos Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca. Concomitantemente, na Inglaterra, em 1958, foi publicada a obra *Os usos do argumento*, por Stephen Toulmin. Já, nos Estados Unidos, em 1959, o filósofo Henry W. Johnstone Jr. publicou *Filosofia e argumentação*. Dentre os fatores condicionadores desse contexto, a par do advento de novas mídias, encontramos o modelo de comunicação política por meio do qual se pretendia comover, persuadir e convencer a todo custo. Essa mudança de paradigma possibilitou uma aproximação entre a linguística e a retórica. Porém, essa retórica incorporada à linguística, como enfatiza Fiorin (2014), parte de um pressuposto distinto das retóricas tradicionais (tomadas como artes). A união desses dois campos do saber

permite, então, descrever o que escapa à intenção consciente do enunciador, mas se manifesta na configuração do discurso oral ou escrito.

Tomando essa nova configuração dos estudos retóricos, influenciada pelas ideias linguísticas da atualidade, o presente trabalho visa discorrer sobre mecanismos de subversão da linguagem. Para tanto, vejamos inicialmente em que consiste o termo ‘subversão’.

No dicionário Houaiss (2001), encontramos as seguintes acepções para esse verbete:

### *Subversão*

- revolta, insubordinação contra a autoridade, as instituições, as leis, as regras aceitas pela maioria;
- transformação ou destruição da ordem estabelecida;
- ato ou efeito de transtornar o funcionamento normal ou o considerado bom de (alguma coisa); tumulto, perturbação.

Dentre essas definições, destacamos aquelas que servem para o propósito deste trabalho. Assim tomaremos ‘subversão’ como a capacidade de “transformação da ordem estabelecida” ou como “ato ou efeito de transtornar o funcionamento normal de alguma coisa”. É nesse sentido que acreditamos que a linguagem tem a capacidade de exercer o seu poder de subversão.

Com o intuito de ilustrar essa potencialidade subversiva da linguagem, tomaremos, como conceito teórico para análise, a figura retórica da ironia. Esse tropo, cujo nome tem origem

## O TEXTO: PROCESSOS, PRÁTICAS E ABORDAGENS TEÓRICAS

grega (*eironeia*), pode ser entendido como um alargamento semântico, uma inversão, uma difusão sêmica, que ocorre, por exemplo, quando o enunciador simula dizer alguma coisa para significar exatamente o seu oposto. Na esteira de Meyer (1998, p. 127), entendemos que a ironia é mais do que uma mera figura verbal, ela é também uma atitude subjetiva. Considerando esse entrecruzamento de definições, no presente trabalho, a ironia será, pois, concebida aqui como “dissimulação do enunciador”.

Dessa junção entre o nosso entendimento do termo subversão e a acepção de ironia aqui considerada, para os fins da análise a ser empreendida, propomos a seguinte máxima: “Um enunciador, disposto a transformar a ordem estabelecida, dissimula-se na IRONIA”. Para testar a validade dessa máxima, vejamos o que ocorre em um vídeo que selecionamos para compor o nosso objeto de análise.

O *corpus* deste trabalho foi extraído de uma pregação intitulada “Reconstruindo as verdades de Deus”, proferida pelo pastor Cláudio Duarte. Esse religioso, membro da Igreja Batista Monte Horebe em Campo Grande e no Rio de Janeiro, atua como pastor evangélico, pregador e conferencista.<sup>3</sup> É

---

<sup>3</sup> “O religioso Pastor Claudio Duarte conquistou seus fiéis evangélicos através de cultos simples e bem humorados. Utilizando-se de termos comuns e falando sempre de forma engraçada sobre temas bastante polêmicos, o pastor fidelizou seus seguidores e se destacou entre outros fortes nomes vinculados à religião. Atualmente, Pastor Claudio Duarte possui mais seguidores públicos e fiéis do que outros colegas, inclusive o Pastor Silas Malafaia, Marcos Feliciano e até mesmo o bispo Edir Macedo e a bispa Sônia Hernandez, sendo conhecido e ouvido por adeptos de outras religiões e público em geral. Entre todos os seus cultos, também chamados de palestras, o que culminou em sua popularização foi um vídeo publicado na internet que mostra a polêmica Oração do Divórcio.” Disponível em: <http://www.claudioduarte.com>.

casado, e muitas de suas pregações são dirigidas a casais e exploram as temáticas do casamento, do relacionamento entre marido e mulher e da criação dos filhos. Vem se destacando na atualidade sobretudo pela sua maneira bem humorada de pregar e de interagir com seus seguidores. Muitos de seus vídeos estão disponíveis no YouTube e têm alcançado um número notável de visualizações.<sup>4</sup>

O excerto selecionado para análise, extraído da pregação supracitada, encontra-se disponível no YouTube e ficou conhecido como “Oração do Divórcio”. Esse vídeo, conforme o próprio site do autor (<http://pastorclaudiouarte.com/a-oracao-do-divorcio-pastor-claudio-duarte/>), é descrito da seguinte maneira:

O vídeo da “a oração do divórcio” tornou-se viral em poucos dias, após ser postada por um fiel na internet. Segundo depoimentos posteriores do pastor, o mesmo afirma que não esperava essa reação e não sabia da intenção do seguidor.

Parte do público utilizou o bom humor do pastor para assumir o apoio à responsabilidade do matrimônio. Outros, agiram na oposição, **criticando a postura do religioso**.

A mensagem, contudo, é clara. Trata-se de responsabilizar-se pelas escolhas. A própria oração em si, muitos de seus fiéis afirmam, demonstra isso. O fator decisivo é a atuação humorística do líder, que deixa bem exposto que trata-se de uma brincadeira com intenção reflexiva.

Por meio dessa descrição já podemos antever que se trata

---

[br/a-polemica-da-oracao-do-divorcio/](http://br/a-polemica-da-oracao-do-divorcio/). Acesso em: 10 dez. 2016.

<sup>4</sup> Somente para o trecho que aborda a “oração do divórcio”, objeto de nossa análise, em 14/12/2016, computamos 1.980.834 visualizações no *site* do YouTube.

## O TEXTO: PROCESSOS, PRÁTICAS E ABORDAGENS TEÓRICAS

de um vídeo polêmico e que, pela forma com que o conteúdo foi exposto, acaba por constituir um bom objeto para a análise daquilo que concebemos como ironia. A esse respeito e considerando a repercussão obtida pelo vídeo, vale lembrar uma citação de Alvarce (2009, p. 56): “a ironia se dá não apenas no momento em que é realizada a dissonância inerente a um discurso; ela permanece reverberando nos efeitos tão díspares que provoca naqueles que a desvendam.”

Na pregação selecionada, Duarte discorre sobre a importância dos preceitos bíblicos na condução da vida dos cristãos e, no trecho que selecionamos para análise, narra um episódio com um de seus colegas, também pastor, que veio ao seu encontro com o intuito de desabafar sobre sua vontade de se divorciar de sua esposa. Frente a essa revelação, Duarte lhe propõe fazer uma oração, criada por ele mesmo e denominada “oração do divórcio”. Assim, esse trecho da pregação aborda um tema tabu, portanto bastante controverso, no mundo religioso em geral que é a separação de casais. A condução dessa oração é feita pelo pastor com um humor ácido e, como buscaremos demonstrar, com o uso da figura retórica “ironia”.

Para empreender a análise, baseamo-nos no vídeo, com duração de 1’40”, que se encontra disponível no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=WKFP-11Z9Js>) e efetuamos sua transcrição com o auxílio das normas do NURC. O texto oriundo desse processo encontra-se a seguir:

### **“Oração do divórcio”** (*Pastor Cláudio Duarte*)

Esses dias um pastor veio falar comigo assim... é... “eu quero largar minha mulher”... Eu falei assim... “não, rapaz... cê é doido?”... “Não... eu vou largar”... falei “que isso seu pastor?



## COLEÇÃO MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Não”... e a mulher dele chorando... perto... falei “que isso pastor?... não faça isso não”... “não, tô decidido”... eu falei “o senhor tem certeza do que tá dizendo?”... ele disse “tenho, sim senhor”... eu falei “então vem aqui que eu vou orar pro senhor... a oração do divórcio” ((agitação da plateia)) ele disse “como é que é isso?”... Eu falei “fui eu memo que inventei” ((risos da plateia)) ele falou “como é que é?”... Eu falei “o senhor já vai ver”... fecha seus oi... segurei aqui nele assim ó... ((segura o próprio ombro como exemplo)) apertei ((risos))... fechei meus olhos e falei... “senhor, o senhor tava lá o dia esse dia que ele casou... não tava?”... “Então o senhor era testemunha, eu não”... o senhor lembra que ele falou sim?... Quando perguntaram pra ele... até que a morte os separe... eu sei que ele falou sim, porque ele casou ((risos))... e perguntaram a ele até que a morte os separe... e ele disse sim... então... senhor... ele quer separar-se ((risos))... garrei ele... aí eu segurei com força ((risos))... falei... mata ele, pai... mata ele ago::ra ((risos))... dá um AVC nele... dá um AVC::... uma parada carDÍ::aca ((risos))... e ele... ele... presta atenÇÃO::... ((imitando o pastor se esquivar)) ele queria soltar ((risos))... e eu agarrei... falei “seNHOR:::”... mata, pai... mata ele... aí ele abriu o olho... começou a olhá pra mulher... e falar assim ó “é melhor tu que a morte”... “é ou não é verdade?”. (DUARTE, 1’40”)

Nossa análise partirá do título dado ao trecho da pregação: “Oração do Divórcio”. Esse título já apresenta uma inerente contradição uma vez que, em geral, de acordo com os preceitos religiosos, as orações são direcionadas a curas e a resoluções de problemas. Portanto, é incoerente que se crie uma oração rogando pelo divórcio, já que este vai de encontro com a doutrina das religiões em geral, mormente da religião evangélica, contexto em que está inserida. Nessa conjuntura, o normal seria encontrarmos uma oração para afastar o divórcio, ou para evitá-lo. Porém, a forma como foi proferida e como foi conduzida nos leva a crer que se trata de uma oração

## O TEXTO: PROCESSOS, PRÁTICAS E ABORDAGENS TEÓRICAS

para que o divórcio se efetive. Sendo assim, como ouvintes, somos lançados aos primeiros indícios de que se trata de uma brincadeira, ou de algo que se deve ser recebido com humor. Dessa maneira, começamos a rastrear os primeiros sinais na construção irônica do enunciado.

Como vimos, o título da oração causa, de antemão, um estranhamento, por remeter o ouvinte à ideia de que a graça a ser alcançada por meio dela é o divórcio, como mencionado anteriormente, um procedimento que contraria os preceitos da maioria das religiões. Assim, nessa construção linguística podemos detectar os primeiros sinais de utilização da ironia, uma vez que há a afirmação de algo que poderia remeter ao seu contrário. Essa “incoerência” em termos religiosos pode levar aquele auditório, composto por fiéis evangélicos, a um estado de confusão, que, como exposto na transcrição, manifesta-se como uma “((agitação da plateia))”. E, como forma de descarregar esse incômodo, vemos, logo em seguida, que a plateia se manifesta na forma de “((risos))”. Nesse caso, podemos inferir que o uso da ironia já começa a produzir no auditório seus primeiros efeitos de humor. A esse respeito, Alvarce (2009) traz uma interessante citação:

Salta aos olhos o caráter contraditório, ambíguo, incongruente do riso. Se fizermos uma análise dos discursos críticos em relação ao impulso cômico no homem constataremos com expressiva frequência a intensidade da referência ao dado ambivalente, duplo, conflitante, relativo à coexistência de feições opostas, no interior de uma mesma entidade. Por isso, talvez pudéssemos sugerir que a percepção da diferença, que o reconhecimento do plural, do turbulento, do desigual, implícitos numa espécie de instável conciliação, configuram o clima propício à instauração do humor. (DIAS, 1981, p. 38 apud ALAVARCE, 2009, p. 16)

Essa citação nos fornece os elementos necessários para o entendimento da correlação entre ironia e humor, uma vez que a ironia deflagra dados ambivalentes e conflitantes e gera no ouvinte a necessidade de reconhecimento do turbulento, do plural que convoca uma conciliação, o que, de acordo com a autora, propicia a instauração do humor. Foi exatamente esse o processo que pudemos reconhecer no trecho analisado.

Para nos aprofundarmos no entendimento e alcance do fenômeno da ironia, valer-nos-emos da classificação proposta por Hutcheon (1985). A autora distingue as duas funções precípua da ironia: a semântica, de natureza contrastante, e a pragmática, com características avaliadoras. Em suas palavras: “a função pragmática da ironia é, pois, a de sinalizar uma avaliação, muito frequentemente de natureza pejorativa.” (HUTCHEON, 1985, p. 73). Assim, se tomarmos em conta essa primeira classificação, vemos que a ironia que pode ser apreendida no título dado à oração, a par de sua natureza semântica, possui também uma natureza pragmática, isso é, revela uma postura avaliadora do enunciador. A esse respeito vale lembrar a própria origem da palavra ironia, que no grego, *eironeia*, designa dissimulação e interrogação. Essa definição nos leva a concluir que, nas construções irônicas, há uma conjugação entre o contraste de sentidos, por um lado, e o julgamento, ou questionamento, por outro. (cf. ALAVARCE, 2009, p. 47)

Dando continuidade à análise do *corpus*, vejamos o trecho que segue com destaque para as palavras a serem analisadas:

fechei meus olhos e falei... “**senhor**, o **senhor** tava lá o dia esse dia que ele casou... não tava?”... “Então o **senhor** era testemunha, eu não”... o **senhor** lembra que ele falou sim?...

## O TEXTO: PROCESSOS, PRÁTICAS E ABORDAGENS TEÓRICAS

Quando perguntaram pra ele... até que a morte os separe... eu sei que ele falou sim, porque ele casou ((risos))... e perguntaram a ele até que a morte os separe... e ele disse sim... então... **senhor**... ele quer separar-se ((risos))... garrei ele... aí eu segurei com força ((risos))... falei... mata ele, **pai**... mata ele ago::ra ((risos))... dá um AVC nele... dá um AVC::... uma parada carDÍ::aca ((risos))... e ele... ele... presta atenÇÃO... ((imitando o pastor se esquivar)) ele queria soltar ((risos))... e eu agarrei... falei “**seNHOR**::::”... mata, **pai**... mata ele... aí ele abriu o olho... começou a olhá pra mulher... e falar assim ó “é melhor tu que a morte”... “é ou não é verdade?”

Nesse trecho, o orador faz uso da palavra “senhor” por seis vezes e da palavra “pai” por duas vezes. Essas duas palavras referem-se, de acordo com o contexto de enunciação, à palavra “Deus”. Porém, se levarmos em consideração os mandamentos presentes no texto bíblico, veremos que esse uso inadvertido do nome de Deus em meio à construção de uma brincadeira implicaria a violação deles. Vejamos:

### Os dez mandamentos<sup>5</sup>

- 1) Amar a deus sobre todas as coisas
- 2) Não tomar seu santo nome em vão
- 3) Guardar domingos e festas de guarda
- 4) Honrar pai e mãe
- 5) Não matar
- 6) Não pecar contra a castidade
- 7) Não roubar
- 8) Não levantar falso testemunho
- 9) Não desejar a mulher do próximo
- 10) Não cobiçar as coisas alheias

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.catequisar.com.br/texto/catequese/crisma/apostila/01/imaculada/pfo/02.htm>> . Acesso em: 17 dez. 2016.

Frente ao exposto, se considerarmos que o pastor fez uso do nome de Deus com essa intenção semântica, ele estaria, então, violando o segundo mandamento (Não tomar seu santo nome em vão). Ademais, ao pedir insistentemente a Deus que matasse seu colega ou que lhe causasse algum dano fatal (mata ele, pai... mata ele agora... dá um AVC nele... dá um AVC... uma parada cardíaca... [...] mata, pai... mata ele), ele estaria deliberadamente violando o quinto mandamento (Não matar). Ao fazê-lo, o pastor estaria cometendo um sacrilégio, isto é, estaria agindo com desrespeito àquilo que é tido como sagrado, de acordo com o ponto de vista e doutrina da sua religião. Esse procedimento, vindo de um líder religioso, só pode ser entendido se considerarmos que, durante sua construção discursiva, ele se valeu de um mecanismo de subversão da linguagem: a ironia. Nesse mecanismo existe, segundo Meyer (1998, p.125), “uma menção de um discurso do qual nos dessolidarizamos”. Assim, no discurso irônico, é permitido ao ironista dizer o contrário do que quer sugerir. Ademais, como nos recorda Brait (1996, p. 55), esse discurso “sugere, também, que o receptor da mensagem não só está pronto para decodificar o contrário do que é dito, como extrai seu prazer justamente do fato de a ironia lhe inspirar um esforço de contradição, de cuja inutilidade ele logo se dá conta.” (BRAIT, 1996, p. 55). E esse esforço produz, segundo Freud (1969, p. 199), um “prazer cômico no ouvinte, provavelmente porque excita nele uma contraditória despesa de energia, reconhecida como desnecessária”.

Toda essa interpretação só se faz possível ao considerarmos que se trata de uma interação entre um orador e um auditório que comungam de princípios e valores comuns e, por essa

## O TEXTO: PROCESSOS, PRÁTICAS E ABORDAGENS TEÓRICAS

razão, apresentam maiores condições de intercompreensão. Fato que jamais exclui a opacidade da linguagem, sobretudo diante de um fenômeno tão complexo como o do uso da ironia. De qualquer maneira, estamos diante de uma duplicidade de sentidos característica do processo irônico e que só se realiza mediante o “cruzamento de discursos compartilhados entre enunciador e enunciatário”. (BRAIT, 1996, p.75)

Tomando esse contexto específico como ponto de partida, paralelamente à análise do fenômeno da ironia, gostaríamos de salientar o raciocínio sofisticado elaborado pelo orador. Para entendê-lo, partamos do princípio de que toda argumentação se apoia sobre formas de raciocínio. Os principais deles são a dedução e a indução. Enquanto a dedução parte do geral para o particular, a indução efetua o caminho contrário. Portanto, no caso narrado pelo pastor, há a construção de um raciocínio dedutivo, isto é, que vai do geral ao particular. Para Aristóteles, o tipo perfeito de raciocínio dedutivo se dá por meio do silogismo, que pode ser entendido como “um discurso em que, enunciadas algumas coisas, outras seguem necessariamente”. (FIORIN, 2014, p. 49). Assim, o silogismo é composto por três proposições: duas premissas (uma maior e outra menor) e uma conclusão. Para que a conclusão seja validada, é necessário que ela decorra das premissas e obedeça a regras precisas de raciocínio lógico. Sem entrar em detalhes, mas seguindo os preceitos dos manuais de lógica formal, um raciocínio plausível decorrente do contexto analisado seria o seguinte:

Quem se casa se compromete a ficar casado até a morte  
(*premissa maior*)

## COLEÇÃO MESTRADO EM LINGUÍSTICA

João se casou (*premissa menor*)

Logo, João se comprometeu a ficar casado até a morte  
(*conclusão*)

O silogismo proposto acima obedece às regras do raciocínio lógico. No entanto, o que vemos na “oração do divórcio” é algo bastante distinto. A inferência apresentada pelo orador não decorre das premissas apresentadas pelo contexto, mas sim de uma subversão dos elementos propostos tanto na premissa maior quanto na construção da premissa menor. Assim, o orador demonstra apresentar um raciocínio aparentemente lógico, porém constrói a seguinte argumentação:

Quem se casa se compromete a ficar casado até que a morte (*premissa maior*)

João quer se separar (*premissa menor*)

Logo, João deve morrer (*conclusão*)

Como podemos observar, a conclusão apresentada não decorre do encadeamento das premissas que a precedem, o que gera um raciocínio falacioso ou sofisticado<sup>6</sup>, isto é, que viola as regras de construção do silogismo. Assim, do ponto de vista formal, esse raciocínio aparentemente “impecável”, constitui, na verdade, uma falácia, pois atrela o desejo de separação à necessidade de morte.

Para que a conclusão apresentada pelo orador (“Logo, João deve morrer”) fosse decorrente de um raciocínio plausível, a

---

<sup>6</sup> Sofisma (*sophisma* no grego) significa “artifício, astúcia” e falácia (*fallacia* no latim) significa “engodo”. (FIORIN, 2014, p. 56-57)

## O TEXTO: PROCESSOS, PRÁTICAS E ABORDAGENS TEÓRICAS

estruturação do silogismo deveria apresentar, por exemplo, os seguintes elementos:

Quem se comprometeu a ficar casado até a morte e quiser se separar deve morrer (*premissa maior*)

João se comprometeu a ficar casado até a morte e quer se separar (*premissa menor*)

Logo, João deve morrer (*conclusão*)

A demonstração do tipo de raciocínio utilizado por Duarte amplia, por parte do auditório, a necessidade de um esforço de contradição, o que poderá lhe causar, como vimos, um prazer cômico.

Mediante a análise desse raciocínio e tomando-o como parte da construção de um discurso irônico, podemos inferir que o pastor, ao rogar a Deus que matasse seu amigo, estivesse, na verdade, buscando encontrar um caminho que pudesse levá-lo à vida. Isso pode ser explicado até mesmo em termos psicanalíticos, uma vez que, para Freud, a técnica principal da ironia é a “representação pelo contrário”.

Para reforçar nossa hipótese do uso da ironia no texto analisado, a par dos campos semântico e pragmático já contemplados, lançaremos mão da análise dos elementos prosódicos utilizados pelo orador. Para isso, contaremos com as proposições teóricas presentes do trabalho “A prosódia com instrumento de persuasão” (FIGUEIREDO, 2006).

Se compararmos a prosódia utilizada pelo orador antes do início do trecho analisado com aquela utilizada ao longo do excerto aqui investigado, podemos observar uma significativa



alteração da qualidade de voz do orador. Essa alteração nos leva a inferir a sinalização do início de um discurso marcado pelo humor e, como veremos, também pela ironia. Verificamos, no trecho em questão, a utilização de uma voz nasalada, com vibrato, construindo uma fala em *staccato*<sup>7</sup>. Esse efeito se dá com o uso da pausa não apenas entre as palavras, mas também entre algumas sílabas. De acordo com Figueiredo (2006, p. 122), a “pausa”, a par das funções morfológica, sintática, fonética e de reestruturação da produção da fala, exerce a função pragmática, que expressa a atitude do falante. Assim, o uso de pausas inesperadas demonstra uma atitude do falante para impressionar o interlocutor. Ademais, a fala em *staccato* demonstra que o falante deseja reforçar sua autoridade e/ou o valor do que diz. Esses dois procedimentos podem ser claramente observados no trecho analisado.

Além da variação na qualidade de voz e do uso da pausa, observamos também a utilização do elemento prosódico da “duração”, que se refere ao alongamento da duração de uma sílaba. A duração, conforme FIGUEIREDO (2006, p. 121), pode exercer a função semântica de construção de conotações e subentendidos. Assim, o alongamento da duração de uma sílaba pode indicar um aumento no sentido negativo de uma qualidade, expressando, dessa maneira, a ironia. Esse entendimento demanda necessariamente uma interpretação do contexto discursivo ou pragmático. É o que acontece, por exemplo, na frase “Você é táááá legal!”, que pode significar exatamente o seu contrário: “Você é chato” ou “Você não é nada legal”. Já, no excerto analisado, vemos o emprego do

---

7 O *staccato* é uma técnica de execução instrumental ou vocal que designa um tipo de fraseio, ou de articulação, em que as palavras e também as sílabas são entremeadas por pausas (suspensões).

## O TEXTO: PROCESSOS, PRÁTICAS E ABORDAGENS TEÓRICAS

elemento prosódico da duração nas palavras negritadas abaixo e que, de acordo com as normas do NURC, têm o prolongamento da vogal ou da consoante indicado pelo uso dos dois pontos:

... falei... mata ele, pai... mata ele **ago::ra** ((risos))... dá um AVC nele... dá um **AVC::**... uma parada **carDÍ::aca** ((risos))... e ele... ele... presta **atenÇÃO:::**... ((imitando o pastor se esquivar)) ele queria soltar ((risos))... e eu agarrei... falei “**seNHOR:::**”... mata, pai... mata ele...

O uso até mesmo de elementos prosódicos na construção desse discurso irônico, corrobora a ideia de que “para haver ironia deve haver a opacificação do discurso, ou seja, o enunciador deve produzir um enunciado de tal forma a chamar a atenção não apenas para o que está dito, mas para a forma de dizer e para as contradições existentes entre as duas dimensões”. (BRAIT, 1996, p. 106)

No trecho analisado, vemos que a ironia, além de revelar a atitude do falante e propiciar a dissimulação do enunciador, é também utilizada para gerar o humor, o que corrobora a asserção de Fiorin (2014, p. 70) acerca dessa figura retórica: “A ironia revela uma atitude do enunciador, pois é utilizada para criar sentidos que vão do gracejo ao sarcasmo, passando pelo escárnio, pela zombaria, pelo desprezo, etc.”

Por meio dessa análise, esperamos ter evidenciado que a interpretação de um discurso irônico só se faz possível se conhecermos o contexto no qual ele foi formulado (HUTCHEON, 2000). Nesse sentido, podemos retomar também os conceitos de língua/fala descritos, por Saussure, como partes constitutivas da linguagem humana, já que o trecho analisado vem nos mostrar que orador, fazendo

uso da “fala”, lança mão de mecanismos que dependem do conhecimento da “língua” para serem efetivados. Assim, podemos considerar que haja uma estreita relação entre a ironia e o contexto; e talvez seja essa a explicação para a polêmica causada pelo vídeo “Oração do divórcio”, que tão rapidamente viralizou pelas redes sociais. “Na ironia, está implicado não somente um sentido, mas um *querer dizer*, que denota essa intencionalidade do ironista, mas que também exige um certo repertório (semântico) do interlocutor.” (KÖENIG, 2016, p. 7). Por essa razão, Meyer (1998, p. 126) afirma que a ironia se instala numa comunidade de inteligibilidade, que exige uma partilha de conotações entre produtor e destinatário.

De qualquer modo, podemos considerar que o pastor Cláudio Duarte foi ousado ao fazer uso da ironia. Talvez isso tenha se dado porque, como pregador experiente, tivesse consciência de que o uso desse “malcomportado tropo literário” (HUTCHEON, 2000, p. 25) o conduziria ao seu objetivo primeiro: angariar o apoio e a persuasão de seu auditório. E isso ele o fez. Por meio desse exemplo, fica, pois, o nosso convite a sondarmos, sempre que possível, os mais diversos e retoricamente profícuos mecanismos de subversão da linguagem.

### REFERÊNCIAS

ALAVARCE, C. S. *A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

AUBÉ, B. Introduction à la République. In: PLATON. *La république* (Septième livre). Paris: Hachete, 1874. p. V-CV.

## O TEXTO: PROCESSOS, PRÁTICAS E ABORDAGENS TEÓRICAS

BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora Unicamp, 1996.

DIAS, A. M. (Org.). *O resgate da dissonância: sátira e projeto literário brasileiro*. Rio de Janeiro: Antares/Inelivro, 1981.

DUARTE, C. A oração do divórcio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WKFP-11Z9Js>. Acesso em: 10 out. 2016.

DUARTE, C. Site oficial. Disponível em: <http://pastorclaudioduarte.com/>. Acesso em: 10 dez. 2016.

DUARTE, C. Site oficial até 2014. Disponível em: <http://prclaudioduarte.wixsite.com/claudioduarte>. Acesso em: 10 dez. 2016.

FIGUEIREDO, M. F. (originalmente publicado como BOLLELA, M. F. F. P.). A prosódia como instrumento de persuasão. In: LOUZADA, M. S. O.; NASCIMENTO, E. M. F. S.; OLIVEIRA, M. R. M.. (Orgs.). *Processos enunciativos em diferentes linguagens*. Franca: UNIFRAN, 2006. p. 113-128. (Coleção Mestrado, 1)

FIORIN, J. L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

FREUD, S. Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: *Sigmund Freud*: v. III. Trad. M. Salomão et al. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Trad. Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.

HUTCHEON, L. *Teoria e política da ironia*. Trad. Julio Jeha. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

## COLEÇÃO MESTRADO EM LINGUÍSTICA

KÖENIG, M. A ironia em “Bye, bye, Brasil”, de Chico Buarque e a nação que (ainda não) somos. *Intersecções*, ed. 21, a. 9, n. 4, nov. 2016, p. 5-15.

MEYER, M. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*. Tradução de António Hall. Lisboa: Edições 70, 1998.

NURC/RJ. *Projeto norma linguística urbana culta – RJ*. Apresenta estudos da variante culta da língua portuguesa. 1985. Disponível em: <<http://www.lettas.ufrj.br/nurc-rj/>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

OS DEZ MANDAMENTOS. Disponível em: <<http://www.catequisar.com.br/texto/catequese/crisma/apostila/01/imaculada/pfo/02.htm>> . Acesso em: 17 dez. 2016.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERNOT, L. *La retórica en Grecia y Roma*. Edição de Gerardo Ramírez Vidal. 2. Ed. Ciudad de México: UNAM, 2016.

SAUSSURE. F. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira de Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Cheline, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

ANEXO A

Quadro de normas de transcrição

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

Ocorrências	Sinais	Exemplificação*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúscula	porque as pessoas re- TÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ...o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	eo Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa nota- ção -- demanda de moe- da por motivo

## COLEÇÃO MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Superposição, simultaneidade de vozes	{ ligando as linhas	A. na { casa da sua irmã B. sexta-feira? A. fizeram { lá... B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIRA entre nós” ....

\* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP n. 338 EF e 331 D2.

### Observações

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, ta* (não por *está: tá?* você *está* brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...* (*alongamento e pausa*).
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*, conforme referido na *Introdução*.